

## **Adolescer com deficiência física: uma perspectiva sociocultural diante da promoção da saúde**

Adolescents with physical disabilities: a sociocultural perspective on health promotion

Adolescentes con discapacidad física: una perspectiva sociocultural ante la promoción de la salud

Recebido: 18/02/2022 | Revisado: 27/02/2022 | Aceito: 07/03/2022 | Publicado: 14/03/2022

### **Cristina Portela da Mota**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7496-3385>  
Universidade Federal Fluminense, Brasil  
E-mail: motacristinap@gmail.com

### **Bianca Guimarães Pereira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5755-8473>  
Universidade Federal Fluminense, Brasil  
E-mail: biancag.pereira@gmail.com

### **Jorge Luiz Lima Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2370-6343>  
Universidade Federal Fluminense, Brasil  
E-mail: jorgeluzlima@gmail.com

### **João Carlos Dias Filho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0118-3243>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil  
E-mail: jfilho522@gmail.com

### **Isabella Langano Siqueira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2822-1660>  
Universidade Federal Fluminense, Brasil  
E-mail: langanho.isa@gmail.com

### **Raíla de Carvalho Bento**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0388-6068>  
Universidade Federal de Campina Grande  
E-mail: raila.carvalho@estudante.ufcg.edu.br

### **Ana Yasmim Gomes de Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7081-3566>  
Universidade Federal de Campina Grande  
E-mail: anayasmim240@gmail.com

### **Resumo**

A adolescência se caracteriza por ser uma fase evolutiva na qual o indivíduo estabelece sua identidade adulta a partir de internalizações e identificações ocorridas na infância, principalmente na relação com seus pais, mas também levando em conta as influências da sociedade em que vive. Objetivo: identificar os aspectos socioculturais do adolescer com deficiência física. Método: Pesquisa descritiva, exploratória de natureza qualitativa. Resultados: ao analisar os dados, foi possível verificar que os adolescentes relataram a existência ainda de preconceito na sociedade brasileira, além da dificuldade de se relacionar com pessoas da mesma faixa etária. Alguns adolescentes acreditam que este comportamento discriminatório vem diminuindo, mas para que estes resultados sejam evidentes são necessárias grandes transformações sociais e políticas. Conclusão: os adolescentes necessitam de um atendimento integralizado e humanizado para que possam lidar com os limites e dificuldades decorrentes da deficiência física e simultaneamente desenvolver todas as possibilidades e potencialidades para que possam seguir com dignidade suas vidas.

**Palavras-chave:** Adolescentes; Deficiência física; Promoção da saúde.

### **Abstract**

Adolescence is characterized by being an evolutionary phase in which the individual establishes his/her adult identity from internalizations and identifications that occurred in childhood, mainly in the relationship with his/her parents, but also taking into account the influences of the society in which he/she lives. Objective: to identify the sociocultural aspects of adolescents with physical disabilities. Method: Descriptive, exploratory research of a qualitative nature. Results: when analyzing the data, it was possible to verify that the adolescents reported the existence of prejudice in Brazilian society, in addition to the difficulty of relating to people of the same age group. Some adolescents believe that this discriminatory behavior is decreasing, but for these results to be evident, major social and political transformations are necessary. Conclusion: adolescents need comprehensive and humanized care so that they can deal with the limits and difficulties arising from physical disability and simultaneously develop all the possibilities and potentialities so that they can continue their lives with dignity.

**Keywords:** Adolescents; Physical disability; Health promotion.

## Resumen

La adolescencia se caracteriza por ser una fase evolutiva en la que el individuo establece su identidad adulta a partir de interiorizaciones e identificaciones ocurridas en la infancia, principalmente en la relación con sus padres, pero también teniendo en cuenta las influencias de la sociedad en la que se encuentra. /ella vive. Objetivo: identificar los aspectos socioculturales de los adolescentes con discapacidad física. Método: Investigación descriptiva, exploratoria, de carácter cualitativo. Resultados: al analizar los datos, fue posible verificar que los adolescentes relataron la existencia de prejuicios en la sociedad brasileña, además de la dificultad de relacionarse con personas de la misma franja etaria. Algunos adolescentes creen que estas conductas discriminatorias están disminuyendo, pero para que estos resultados sean evidentes son necesarias grandes transformaciones sociales y políticas. Conclusión: los adolescentes necesitan una atención integral y humanizada para que puedan afrontar los límites y dificultades derivados de la discapacidad física y simultáneamente desarrollar todas las posibilidades y potencialidades para que puedan continuar con dignidad su vida.

**Palabras clave:** Adolescentes; Deficiencia física; Promoción de la salud.

## 1. Introdução

A motivação do presente estudo se deu a partir da necessidade de conhecer e refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes com deficiência física devida a seguinte realidade: os portadores de necessidades especiais de ordem física ou motora necessitam de atendimento integral e humanizado a fim de lidar com os limites e dificuldades decorrentes da sua condição e, simultaneamente, desenvolver suas possibilidades e potencialidades. Segundo a Lei n. 8.069 (1990), a adolescência corresponde ao período da vida situado entre 12 e 18 anos

São múltiplas as interfaces que a problemática comporta. A questão relativa à necessária transformação das atitudes e concepções acerca da deficiência e seus diferentes tipos, limites e possibilidades poderia ser um ponto de partida para pensarmos a amplitude e complexidade do desafio que a inclusão social, educativa e cultural impõe para esse público, sobretudo quando são adolescentes. O estigma social que marca a adolescência, de uma maneira geral, e em particular a adolescência de indivíduos com deficiência, em uma sociedade que se pauta pela produção de excedentes e pelo lucro traz implicações significativas para o desenvolvimento de políticas, práticas e discursos referentes à educação escolar e a inclusão sociocultural deste grupo.

A adolescência é uma categoria sociocultural construída a partir de critérios múltiplos que abrangem tanto a dimensão biopsicossocial, quanto a cronológica e a social. O fato é que estar na adolescência é viver uma fase em que múltiplas mudanças acontecem e se refletem no corpo físico, pois o crescimento somático e o desenvolvimento em termos de habilidades psicomotoras se intensificam e os hormônios atuam vigorosamente levando a mudanças radicais de forma e expressão (Ferreira *et al.*, 2007).

De acordo com Becker (2017), a adolescência corresponde a uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, sendo notáveis as alterações de cunho físico, social e psicológico. Segundo o autor, é natural, ao longo desse processo de desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, ocorrer situações marcantes que traduzem essa ruptura em novas realidades e percepções sobre a sua existência, consideradas como rituais de passagem da adolescência.

A partir desse contexto, foi definido como objeto de estudo o tema “os aspectos socioculturais do adolescer com deficiência física”. Baseada ainda nessas reflexões é fundamental, para o direcionamento do estudo, a seguinte questão de pesquisa: como é adolescer com deficiência física? Para o desenvolvimento deste estudo foi traçado o seguinte objetivo: identificar os aspectos socioculturais do adolescer com deficiência física.

O estudo possibilita a discussão sobre melhorias na assistência à saúde prestada à pessoa com deficiência, a fim de aprender a lidar com os seus limites e dificuldades, visto que só assim o indivíduo estará apto para desenvolver suas potencialidades e obter independência para promover o autocuidado. Com relação ao ensino, este trabalho contribuirá para sensibilizar docentes da área de saúde e correlatas acerca da necessidade de inserir a temática nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação.

## 2. Metodologia

Trata-se de pesquisa descritiva, exploratória de natureza qualitativa. Nesse tipo de pesquisa procura-se conhecer e interpretar a realidade, sem interferir para modificá-la (De Souza Minayo *et al.*, 2011).

Os sujeitos da pesquisa foram doze adolescentes de ambos os sexos na faixa etária de 12 a 19 anos de idade, portadores de deficiência física. O cenário utilizado para realização da pesquisa foi a Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (ANDEF), localizada no Município de Niterói. Foram escolhidos os codinomes de super-heróis em razão desses nomes simbolizarem a garra e a coragem que esses adolescentes demonstram quando, a despeito das dificuldades, dão sequência a suas vidas com alegria e dignidade.

O instrumento de coleta dos dados utilizado foi a entrevista semiestruturada, composta por perguntas abertas e o registro foi feito por gravador com a permissão do entrevistado e de seus pais. Depois, as informações foram transcritas na íntegra e relidas pelos entrevistados.

A partir dos dados coletados foram formuladas categorias, onde foram agrupados elementos, ideias, expressões e palavras que se repetiram ou foram frequentes, para estabelecer classificações.

A pesquisa foi submetida a um Comitê de Ética em Pesquisa de hospital universitário, aprovada sob parecer 104/09, pois pesquisas que envolvem seres humanos seguem a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

## 3. Resultados e Discussão

A análise e discussão dos resultados foram realizadas a partir dos relatos de doze adolescentes de ambos os sexos com idade entre 12 e 19 anos, frequentadores da ANDEF, situada no bairro de Rio do Ouro no Município de Niterói. A partir desses relatos, foram construídas duas categorias:

### 3.1 A arte de enfrentar os desafios da deficiência física na adolescência

Ao abordar os sentimentos vividos frente à deficiência física, os adolescentes afirmam que já experimentaram em algum momento de suas vidas sentimentos negativos, tais como tristeza e depressão. Os depoimentos aqui reproduzidos ilustram bem a situação:

*“Antes eu ficava depressiva. Ficava medindo onde eu podia passar.” (Mística)*

*“Quando eu comecei a ficar adolescente, comecei me sentir triste e até mesmo me exclui do meu grupo, e fiquei com preconceito de mim mesma.” (Mulher Maravilha)*

*“Já fiquei triste por não conseguir ser um jogador profissional.” (Wolverine)*

*“Às vezes fico triste por não poder jogar basquete.” (Heman)*

Uma deficiência física marca profundamente a vida de uma pessoa, principalmente quando se trata de um adolescente, já que, é nesta fase da vida que as pessoas planejam seus caminhos para o futuro. Conforme estudos desenvolvidos por Barbieri *et al.*, (2016) é nesta etapa da vida que o adolescente costuma escolher uma profissão, libertar-se da dependência familiar, satisfazer as necessidades de interação com o sexo oposto e conquistar sua própria identidade. É unânime o relato de que, após o acidente, os adolescentes deficientes experimentam grande fragilidade.

Os portadores de deficiência descobrem que a vida deles é superar obstáculos. Por isso, precisam estar sempre trabalhando a sua autoestima, o que representa uma importante ferramenta de enfrentamento e adaptação à realidade (Couto,

2017). São diversos os fatores que influenciam a personalidade humana, é importante ressaltar que o indivíduo que tem uma espiritualidade exercida consegue ser mais resiliente. A partir dessas experiências vividas o indivíduo, torna-se capaz de ressignificar suas emoções. Dessa forma, abre-se um caminho possível de realizações e conquistas por intermédio da perseverança que transcende barreiras físicas e sociais e supera limites.

Em relação ao convívio social, os adolescentes deficientes afirmam que este ocorre de forma natural e que a presença da família é fundamental neste momento.

*“A minha família é importante para mim, e ela já está acostumada porque a minha deficiência é de nascença.” (Super-Homem)*

*“O meu convívio social é normal, não tem diferença. Nunca tive problema com meus colegas, namoradas e irmãos. Minha família ajuda muito.” (Homem-Aranha)*

*“Nunca tive nenhum tratamento especial. As pessoas sempre me deixaram fazer tudo, desde pequena ando de bicicleta e danço.” (Mulher Maravilha)*

A capacidade da família de cuidar de seus membros é bastante variável e depende das situações e das fases da trajetória familiar. Aprofundar o papel familiar neste processo é de grande importância para a própria estrutura da família. Tanto no que diz respeito ao reconhecimento de suas potencialidades, recursos e fragilidades, quanto na busca de apoio a diversos profissionais de saúde para seus membros (Barbosa *et al.*, 2012)

É notório o cuidado da família como parte integrante popular, afirmando ser um cuidado universal para os seres humanos. Nesse sentido, ressalta-se que no meio familiar ocorrem os primeiros contatos sociais da criança com deficiência, nesse período a criança cresce e se desenvolve. Sendo assim, a atuação familiar se dá por meio das relações criadas entre o adolescente e seus pais e/ou cuidadores por meio da comunicação verbal e não verbal (Da Silva Vencato & Wendling, 2020).

Os adolescentes deficientes apresentam inúmeros sonhos e expectativas diante da vida. Eles pensam em cursar o ensino superior e constituir sua própria família, conforme apontam os relatos que se seguem:

*“Fazer faculdade de administração. Constituir família, ser bem-sucedido na minha vida pessoal e profissional.” (Homem-Aranha)*

*“Gostaria de fazer Veterinária.” (Electra)*

*“Pretendo fazer faculdade de Cartunismo. Quando tiver a vida estabilizada, casar e ter filhos.” (Super-homem)*

*“Quero seguir a minha carreira de atleta na natação. Pretendo casar e ter filhos.” (Batman)*

*“Pretendo ser uma recordista. Estou nadando para isso.” (Mulher Maravilha)*

*“Pretendo casar, ter quatro filhos e estudar.” (Mulher Invisível)*

O contexto atual, abriga a seguinte discussão: Até que ponto os acontecimentos são escolhas dos indivíduos e até que ponto as estruturas socioculturais moldam sua vida? Seja qual for a situação, pode-se afirmar que os estilos e projetos são formados numa situação de dupla influência. Por um lado, as condições sociais e estruturais contribuem para a formação de diferenças e semelhanças não só entre adolescentes com deficiência física, mas entre os que não convivem com o problema.

Ter um entendimento sobre a subjetividade é fundamental na forma que o indivíduo compreende a si mesmo acerca dos sentimentos e pensamentos do sujeito. Uma vez que a identidade sugere a partir do sujeito e o contexto social onde tal subjetividade é vivenciada, por intermédio das interações feitas por meio da linguagem e da cultura. Outro fato relevante são as possíveis modificações dos sujeitos inseridos nessa realidade, em virtude da sua construção (De Vasconcelos, 2017).

Nessa perspectiva, Bohoslavsky (2015) entende que esse momento, de grandes planos e expectativas profissionais e acadêmicas, coincide com a época na qual o adolescente tem que definir “quem é”, e “quem quer ser”. Ao definir quais papéis quer desempenhar para si e para a sociedade, o adolescente coloca em jogo toda sua identidade (Audi, 2006).

A articulação entre os aspectos internos e externos colocam a identidade no interior do processo de socialização. A identidade não é mais do que o resultado simultâneo, estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem o indivíduo, e definem as instituições (Ferreira, 2017).

O processo de adolecer com deficiência física gera inúmeras dificuldades, tanto de ordem orgânica como de ordem psíquica. É possível observar nos depoimentos seguintes que a maioria dos adolescentes com deficiência física passou por algum tipo de dificuldade, e que o surgimento dessas dificuldades está relacionado com os aspectos socioculturais do indivíduo:

*“É difícil para se acostumar com a deficiência. ” (Super-homem)*

*“Tenho dificuldade para andar e me relacionar com outras pessoas. Algumas se afastam. ” (Mulher Invisível)*

*“Tenho muita dificuldade para me enturmar com as pessoas. A gente fica destacado. ” (Mística)*

*“Eu já nasci com má formação congênita, acho que tem mais dificuldade para quem perde a perna depois porque tem que se adaptar de novo. ” (Mulher Maravilha)*

*“Já tive dificuldade de me relacionar com as meninas. ” (Wolverine)*

Os dados da realidade brasileira sobre exclusão e as inúmeras dificuldades que os deficientes enfrentam são tão marcantes que, ao pensar em projeto sobre ética e cidadania, somos levados a estabelecer a integração social como um desejo, uma realidade que só será alcançada com grandes transformações sociais e políticas.

Os próprios deficientes percebem a exclusão do meio social, a começar pelas barreiras de locomoção, escassez de locais adaptados para o seu lazer, estudo, trabalho, entre outros transtornos. Dentro desse universo, o portador de deficiência física motora é um dos indivíduos mais fortemente penalizados pela falta de acessibilidade ao espaço urbano, pois sua mobilidade depende, em muitos casos, do uso de cadeira de rodas, e o ambiente construído ainda está distante de garantir o seu direito de ir e vir.

Quanto à sexualidade, a fase da adolescência traz temores, transtornos e muitas dúvidas, que no adolescente com deficiência física tornam-se ainda maiores. Sob essa perspectiva, é notório que a beleza física e a perfeição ainda são muito valorizadas. Os indivíduos expressam suas inseguranças relacionadas ao seu corpo como objeto de desejo, visto que muitas vezes os portadores de deficiência não se inserem nos padrões impostos pela sociedade, causando sua exclusão (Carvalho & Silva, 2018).

A sexualidade é algo inerente à vida e à saúde, e se expressa desde cedo no ser humano. Corresponde ao papel do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos afetivo-amorosos. A deficiência física pode mobilizar sentimentos ambíguos: de atração e repulsa, diretamente

associadas ao medo que as pessoas sem deficiência têm de adquirir alguma deficiência. Alguns indivíduos não portadores de deficiência não têm empatia, quando se deparam com uma pessoa com deficiência (Mendes & Denari, 2019).

### **3.2 A integralidade como ferramenta de um cuidado humanizado aos adolescentes com deficiência física**

A exclusão social, enquanto consequência da deficiência física, não foi apontada nos depoimentos dos adolescentes. Os entrevistados afirmam que não sofreram nenhum tipo de exclusão social, conforme demonstram os dados abaixo reproduzidos:

*“Nunca me senti excluída, nunca deixaram de me chamar para brincar. ” (Mulher Invisível)*

*“Até porque eu morava numa cidade pequena, então não tive isso de ser excluída, sofrer preconceito. ” (Mulher Maravilha)*

*“Nunca me senti excluído. Jogava futebol com meus irmãos, primos, e quando entrei para a escola, fui com alguns conhecidos, então não tive problema. ” (Homem-Aranha)*

As conquistas de direitos, responsabilidades do Estado e o papel da sociedade são pontos cruciais na questão do deficiente. São problemas comuns encontrados em uma democracia como a nossa, que ainda está por construir. A compreensão do relacionamento entre diferença e igualdade, ponto primordial da questão da deficiência; é, portanto, o ponto chave na construção de um espaço social sem preconceito, discriminação e marginalização.

Segundo Reginnato (2005, p.7) “a inclusão de pessoas deficientes está sendo assumida, nos dias de hoje, como um novo paradigma social e educacional, visando uma sociedade mais justa e democrática”.

A ideia de um meio social que seja inclusivo se fundamenta numa filosofia que reconhece e valoriza a diversidade, como característica inerente à constituição de qualquer corpo social. A partir desse preceito, observa-se que a necessidade de garantia do acesso e da participação de todos a todas as oportunidades, independe das peculiaridades de cada ser humano. Apesar de os adolescentes afirmarem que não se sentem excluídos, registram a existência de preconceito relacionado à deficiência física na sociedade brasileira. Os relatos abaixo falam por si:

*“Já aconteceu de eu sofrer preconceito. Foi na rodoviária onde não quiseram me dar a passagem na fila preferencial. ” (Mulher Maravilha)*

*“Mesmo aquelas pessoas que querem ajudar acabam tendo algum preconceito porque sempre tratam como coitadinho. ” (Homem-Aranha)*

*“O motorista de ônibus não tem paciência, às vezes não param. ” (She-ha)*

Analisando esse prisma, Tunes (2007) argumenta que o preconceito em relação à deficiência tem raízes na própria definição do conceito de deficiência, pois o próprio ato de nomear deficiente implica o preconceito. A noção de deficiência está associada à falta, que pode ser parcial, transitória ou absoluta. Portanto, a noção de deficiência une-se à ideia de expectativa social.

A efetivação de projetos de atenção integral é essencial à concretização da saúde como um direito. Esse é um desafio que requer mudanças na organização do trabalho e nas práticas cotidianas de atenção, orientadas, entre outros aspectos, por uma interpretação abrangente de saúde e pela consideração à complexidade dos sujeitos e suas necessidades, segundo as especificidades de vida, saúde e doença (Mandú, 2005).

O enfermeiro tem uma importante função no estabelecimento da saúde do indivíduo, podendo conduzir seu trabalho de forma a articular o atendimento e a equipe de saúde. Os profissionais de saúde podem desenvolver práticas inovadoras de acordo com o contexto de sua população, buscando a integralidade com o objetivo de promover a saúde. Os autores entendem também que a manutenção da vida do indivíduo é o objetivo da promoção da saúde desejada. É nessa meta que se desenvolve e se sintoniza o trabalho da equipe que vai prestar cuidados ao indivíduo (Da Silva et al., 2021).

Quando se fala em integralidade, deve ser relacionada com o âmbito da saúde, assim como o contexto geral de vida. A integralidade social, na verdade, também interfere na qualidade de vida do indivíduo com deficiência por envolver questões que, mexendo com o estado físico e emocional, conseqüentemente interferem no sucesso da almejada promoção da saúde. Ao garantir a integralidade no acesso aos direitos sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais para todas as pessoas indiscriminadamente, pode-se perceber uma diminuição do preconceito proveniente da igualdade de possibilidades e oportunidades. Apesar das iniciativas, têm-se um grande número de barreiras físicas e sociais que impedem o efetivo processo de inclusão (De Sá, 2022).

É essencial para o exercício da democracia que as políticas públicas introduzam a política da acessibilidade para que se garanta a inclusão dos deficientes físicos ao gozo dos direitos usufruídos pela maioria. Com a prática da inclusão, cria-se um novo modo de integração social, onde uma revolução de valores e atitudes exige mudanças da coletividade (Duarte et al., 2017).

Com relação a seus direitos, os adolescentes portadores de deficiência física relataram conhecer alguns deles. Constatase, no entanto, que o conhecimento a respeito do assunto é escasso:

*“Não conheço quase nenhum direito do deficiente. Gratuidade em algumas coisas, não pode ficar mais de 20 (vinte) minutos esperando o ônibus e comprar carro importado pela metade do preço. ” (She-ha)*

*“Conheço alguns dos meus direitos. Passe livre e desconto na compra de carro. ” (Mística)*

*“Conheço mais ou menos os meus direitos. Na lei diz que você tem acesso livre, mas na prática nem tudo funciona. ” (Homem-Aranha)*

Quando questionados sobre como acham que são vistos pela sociedade, os adolescentes acreditam que houve uma melhora, mas que ainda há muito preconceito por parte da sociedade:

*“Por umas pessoas eu sou visto como uma pessoa normal. Já para outras pessoas só me tratam como se fosse um cachorro. ” (Batman)*

*“Hoje em dia é normal, mas ainda percebo o preconceito das pessoas. ” (Mística)*

*“Tem algumas pessoas que se afastam. ” (Heman)*

O preconceito é uma das grandes barreiras que bloqueiam a inclusão social dos deficientes físicos no país. Focalizar o fenômeno do preconceito significa abordar um certo leque de manifestações humanas que se dão segundo diferentes modalidades expressivas, incluindo-se desde fenômenos simbólicos, usualmente designados como pensamentos, sentimentos, fantasias ou crenças, até atos, gestos e práticas concebidos como formas de atuação no mundo externo (Aiello-Vaisberg, 2007).

Alguns indivíduos ainda expressam em olhares e gestos de indiferença gerados pela falta de informações sobre assuntos relacionados aos portadores de deficiências. Estas atitudes são reveladas por meio do modo inconsciente como as pessoas tratam

as pessoas com deficiência, geralmente, com inferioridade. Além do preconceito, enfrenta grandes desafios como a falta de estrutura que impede a acessibilidade.

#### 4. Conclusão

A adolescência é uma fase de mudanças físicas, psicológicas e sociais normalmente causa um turbilhão de dúvidas e questionamentos acerca dessas transformações. Essas mudanças culminam com um processo de construção de identidade. Esse processo envolve novas buscas, papéis, escolhas e relações que se estruturam. Isso provoca, na maioria dos adolescentes, ansiedade, medo e insegurança.

O estudo demonstrou que o adolescente com algum tipo de deficiência física, nesse momento da vida parece ser ainda mais complicado. Além de ter que lidar com as dificuldades que a própria fase da adolescência traz, ainda acabam tendo que driblar o preconceito, a exclusão social, as desigualdades e os transtornos peculiares que a nova condição física pode trazer.

Sob tal ótica, infere-se que a sociedade tem dificuldade em perceber as pessoas portadoras de deficiência física como capazes de exercer a completa cidadania, sendo esta última o direito de viver a vida em liberdade, na condição de diferente, para o alcance de suas potencialidades. É essa dificuldade de percepção que impede que a inclusão social do deficiente físico na sociedade seja feita integralmente.

Comportamentos negacionistas impedem os indivíduos de perceberem a importância dos indivíduos com deficiência como integrante da sociedade, garantindo os princípios da dignidade da pessoa humana.

As limitações podem ocorrer em maior ou em menor grau, mas não incapacitam a pessoa para uma atuação social ativa e produtiva. As pessoas portadoras de deficiência podem levar uma vida independente, fazer suas escolhas e assumir responsabilidades. O maior obstáculo para o deficiente físico não se encontra nas limitações que a deficiência pode acarretar e sim nos empecilhos encontrados nas ruas, edificações, no transporte, na comunicação e no comportamento dos outros. Essas limitações impedem que muitas pessoas demonstrem as suas potencialidades.

As leis que asseguram os direitos dos deficientes físicos exercem um papel extremamente importante na luta insistente pela inclusão social, mas o preconceito ainda precisa ser combatido. E esse combate deve se dar por meio de informações voltadas para a eliminação das barreiras arquitetônicas e sociais. Só assim será possível ensinar as pessoas a conviver com a diversidade.

#### Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007). Preconceito, exclusão e perversão social: Pesquisa psicanalítica sobre potencialidade mutativa de práticas psicológicas em instituições. *Projeto Temático para Orientação de Iniciações Científicas e Mestrados e Doutorados do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas*. São Paulo: Universidade Católica de Campinas, 1-24.
- Audi, D.A (2006). *A adolescência e suas expectativas quanto à inserção no mundo do trabalho*. São Paulo. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Barbieri, M. C., Broekman, G. V. D. Z., Souza, R. O. D. D., Lima, R. A. G. D., Wernet, M., & Dupas, G. (2016). Rede de suporte da família da criança e adolescente com deficiência visual: potencialidades e fragilidades. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3213-3223.
- Barbosa, M. A. M., Balieiro, M. M. F. G., & Pettengill, M. A. M. (2012). Cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 21, 194-199.
- Becker, D. (2017). *O que é adolescência*. Brasiliense.
- Bohoslavsky, R. (2015). Orientação vocacional: A estratégia clínica (12th ed.). Trad. José Maria Valeije Bojart.
- Carvalho, A. N. L. D., & Silva, J. P. D. (2018). Sexualidade das pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 289-304.
- Couto, C. (2017). Caracterização do bem-estar psicológico, autoestima e depressão da população deficiente. *PsychTech & Health Journal*, 1(1), 21-37.

- Da Silva Vencato, L., & Wendling, M. I. (2020). A percepção da família sobre o desenvolvimento da autonomia nas pessoas com deficiência intelectual. *Revista Universo Psi*, 1(1), 1-25.
- Da Silva, N. R. N., de Macêdo, A. C., de Melo, G. C., Duprat, I. P., dos Santos Sobrinha, E., dos Santos Gomes, T. L., ... & Rocha, A. P. P. (2021). Atuação do enfermeiro na reabilitação da saúde da pessoa com deficiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(2), e5888-e5888.
- De Sá, R. N. A. (2022). Dificuldades de aprendizagem em linguagem e inclusão: discursos docentes. *Revista Científica FESA*, 1(10), 75-92.
- De Souza Minayo, M. C., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- De Vasconcelos, H. S. (2017). Autoestima, autoimagem e constituição da identidade: um estudo com graduandos de psicologia. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 6(3), 195-206.
- Duarte, L. N. d. S., Silva, I. K. d., & Vieira, A. M. E. C. d. S. (2017). Inclusão Escolar: O desafio entre o ideal e o real. *Realize Editora*, 4(4), 1-12.
- Federal, G. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. *Lei federal*, 8.
- Ferreira, G. N. (2017). *Professores readaptados em um município do litoral norte de SP: mudanças e conflitos em sua identidade profissional* (Doctoral dissertation, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais. Universidade de Taubaté, Taubaté, SP).
- Ferreira, M. D. A., Alvim, N. A. T., Teixeira, M. L. D. O., & Veloso, R. C. (2007). Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. *Texto & contexto-Enfermagem*, 16, 217-224.
- Mandú, E. N. T. (2005). A expressão de necessidades no campo de atenção básica à saúde sexual. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58, 703-709.
- Mendes, M. J. G., & Denari, F. E. (2019). Deficiência e sexualidade: uma análise bibliométrica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14(2), 1357-1374.
- Reginnato, L. (2005). Inclusão escolar do deficiente físico: a visão dos profissionais de escolas municipais e de fisioterapeutas atuantes na área de neuropediatria do município de Cascavel. *Monografias do Curso de Fisioterapia da Unioeste Cascavel-PR*, (01-2005).
- Tunes, E. (2007). Preconceito, inclusão e deficiência – O preconceito no limiar da deficiência. In E. Tunes & R. Bartholo (Orgs.), *Nos limites da ação: preconceito, inclusão e deficiência*, 51- 56). São Carlos: EdUFSCar.